

CICATRIZES DO FUTEBOL

Luiz Carlos Rigo*
& Silvio Ricardo da Silva**

Resumo

Atentos à intensidade com que certas derrotas no futebol deixam suas marcas na cultura brasileira, adentram o universo implacável do tempo, metamorfoseam-se mantendo-se latentes na memória dos torcedores, decidimos fazer este estudo sobre o comentado "Brasil 1 X 2 Uruguai", jogo decisivo do campeonato mundial de 1950. Um dos principais objetivos desta investigação consiste em atender parte de nossa curiosidade sobre como viveram esta derrota pessoas que estiveram presentes no estádio Maracanã. Assim, optamos por utilizar o depoimento oral de três torcedores que lá estiveram, para nos contarem particularidades sobre o clima da cidade e do estádio no dia do jogo, suas versões da partida, as disputas dentro de campo e como este episódio marcou a vida e a história dos nossos entrevistados.

Palavras-chaves: Futebol, História, Memória, Torcedor, Derrota, Mundial de 1950.

Abstract

This study derives from the gripping power which certain losses in soccer have over the Brazilian Culture, crossing the merciless universe of time and transforming itself so as to mingle with the fans' memory. Therefore comes the present focus on the

much discussed **Brazil 1 vs. Uruguay 2**, the final match of the 1950 World Cup. Among other goals of this investigation, we satisfy our curiosity to understand how the fans present at the Mário Filho stadium felt about this loss. To do so, we have interviewed three fans who were present at the game. They told us how the city and the stadium cheered on that day, their personal views of the match and how they marked their personal lives and histories.

Key Words: Soccer, Histories, Memory, Fans, Losses, 1950 World Cup.

1. Cicatrizes do futebol

Cicatriz, do latim *cicatrice*, de acordo com o Aurélio significa: “**Marca deixada numa estrutura anatômica pelo tecido fibroso que recompõe as partes lesadas.**” For isso nos sentimos aliviados quando, finalmente, determinado ferimento cicatriza. Ainda segundo o Aurélio, *cicatrizado*, no sentido figurativo, pode significar “**curado de um sofrimento ou dor moral**”. Ou seja, um movimento que aponta no sentido de uma recomposição, uma reconstituição, explicitando assim não somente os sinais de uma lesão, ou de uma perda, mas, concomitantemente, de uma nova constituição, uma outra configuração. É também neste sentido que podemos interpretar as derrotas do futebol: enquanto cicatrizes que, por um lado, são lembranças amargas, doloridas, mas, por outro, são também sinais de sua superação, recordações que persistem em se manterem vivas na nossa memória.

A derrota do Brasil para o Uruguai na Copa de 50, no Maracanã recém-inaugurado, conquistou seu espaço dentro da nossa história futebolística. Fomos criados ouvindo narrativas e múltiplas versões sobre aquele jogo. Fascinados pela intervenção desestabilizadora que algumas derrotas são capazes de produzir nos torcedores, decidimos fazer este estudo, que pretende investigar, rememorar e narrar versões de torcedores que estiveram no Maracanã em 1950, na partida *Brasil 1 X 2 Uruguai*. Quais as

lembranças que eles mais guardam deste jogo? Que significado teve para eles acompanhar aquele mundial? Qual a versão que cada um faz da derrota brasileira? Suas causas? Como eles lidam com as lembranças daquela “perda”? Essas foram algumas das questões que serviram de guia metodológico para nós, neste estudo.

Entrevistamos três pessoas que estiveram no jogo. Dois homens e uma mulher, de 70, 69 e 61 anos, respectivamente. Cabe ressaltar que fomos ao Rio de Janeiro com contato estabelecido apenas com um dos três depoentes. Lá estando, conversamos com várias pessoas que acabaram por nos indicar outros conhecidos que foram ao jogo. Foi curioso, mas não surpreendente, perceber como a maioria das pessoas que contatamos, que viveram aquele acontecimento, mas que não foram ao estádio naquele dia, faziam questão de nos narrar fatos e histórias relativos à partida, ou ainda justificar os motivos porque não foram ao estádio.¹

Ao tentar escavar um pouco mais algumas das reminiscências de nossos depoentes — atentando para as singularidades expostas por cada um ao recontar a história através de sua memória —, optamos, como estratégia metodológica e estilo narrativo, apresentar cada depoente individualmente — como um personagem que lembra a sua experiência do acontecido².

2. A) Um torcedor Rodriguiano

“Estava um a zero Brasil, e todo mundo gritando. Quando o pessoal viu que o Bigode levou aquela bolacha do Obdulio Varella, todo mundo calou a boca. (...) Se ele dá outra bolacha no Varella, iriam engalfinhar e iam sair no bofetão e sairiam os dois expulsos”.

Hoje, com 70 anos, o futebol continua a mexer fortemente com os sentimentos de Seu Tião. Para ele, assistir a partidas de futebol só vale a pena se for para torcer, amargar as derrotas e vibrar intensamente com as vitórias: “ **você tem que torcer por alguém, se não, não tem graça**”.

O desejo de intervir no futebol enquanto torcedor, para seu Tião, é tamanho, que o levou, sem pruridos de fidelidade, a trocar

de time, adotar outro para poder torcer mais intensamente, já que seu primeiro clube — aquele da juventude — o São Cristóvão, deixou de disputar os principais campeonatos nacionais. Seu Tião conta ter se tornado um botafoguense porque, “como freqüentava sempre o Botafogo, fiquei com o Botafogo até hoje. Agora, se o São Cristóvão voltasse a ser o São Cristóvão antigo, aí eu não sei não...”

Durante a Copa de 50, Seu Tião tinha 22 anos e torceu pelo Brasil indo a todos os jogos do escrete nacional que ocorreram no Maracanã. Ele lembra que o interesse pelo futebol já era bastante intenso e a participação do público nos jogos do Brasil chamou a sua atenção: “eu nunca vi tanta gente como tinha ua Copa do Mundo. (...) Brasil e Espanha super lotado. Brasil e Uruguai super lotado...”

Seu Tião faz questão de ressaltar ainda que, apesar de haver um comparecimento em massa da torcida — semelhante ao de hoje — o clima, as brigas que ocorriam em muito se diferenciavam das de agora: “na época, a gente saía na mão, ninguém saía com revólver, nem faca. A gente saía de tapa. Depois que a gente saía no tapa, ia no boteco tomar cerveja todo mundo junto.”

Para este torcedor inveterado, o escrete de 50 foi um dos melhores que o país já conseguiu montar. Antes do jogo, tal como a maioria dos brasileiros na época, ele também apostava na vitória perante o Uruguai. Havíamos goleado por 6 x 1 a surpreendente Espanha, que tinha desclassificado a temida Inglaterra. Seu Tião, que esteve neste jogo, recorda a alegria que tomou conta das arquibancadas do Maracanã: “você escutava todo mundo cantando a Tourada de Madrid, que foi uma farra impressionante.³”

Quanto à derrota para os uruguaios, Seu Tião a lamenta ainda hoje. Sua avaliação sobre as causas desta são bastante singulares — ele se mostra convencido de que o lance que definiu a partida em favor dos platinos foi a jogada que envolveu Bigode e Obdulio Varela. De acordo com Seu Tião, o capitão uruguaio deu uma “bolacha” no defensor brasileiro e este não revidou.

Para ele, esta jogada — e ele se refere a ela várias vezes

durante seu depoimento — não foi apenas mais um confronto qualquer, comum a uma decisão. Na sua versão, após este lance, toda a equipe brasileira, e até mesmo os torcedores, foram surpreendidos por um sentimento de apatia, uma síndrome de inferioridade diante do selecionado adversário, que passou cada vez mais a acreditar na vitória e se impôs no jogo.⁴

Nosso depoente se refere ao lance ocorrido não como uma atitude isolada, uma decisão individual do defensor brasileiro. Para ele, a jogada foi consequência da interferência do técnico sobre os jogadores. Sem fazer muitos esforços, Seu Tião lembra que Bigode não era um jogador dos mais técnicos, ou melhor “para ele tudo era canela, qualquer parte do corpo era canela”. Mas Flávio Costa interferiu na sua maneira de jogar, pedindo para ele não bater, não revidar. Por isso, para Seu Tião, a derrota do Brasil perante o Uruguai teve como responsáveis diretos o jogador Bigode, que não reagiu, foi submisso, e o técnico Flávio Costa, que o orientou para a submissão. “Ele disse para o Bigode: — não revida. O Bigode levou uma bolacha, eu estava em frente e vi.” Prosseguindo, ele complementa: perdemos “por causa dos técnicos que se metem aonde não são chamados.”⁵

2. B) Um técnico como torcedor: exigente e um tanto pragmático

(...) O pessoal pensava que o Brasil era um timaço, não era não. (...) Tu olhava e só via gente chorando, um silêncio, ninguém saía do lugar. Ninguém falava nada, ninguém criticava, nem elogiava.

Assim como Seu Tião, Seu Juca é mais um brasileiro apaixonado por futebol que acompanhou os jogos da Copa de 50. Torcedor assumido do tricolor Fluminense, fez questão de declarar: “sempre gostei de futebol”, e aproveitou para lembrar sua atuação, enquanto jogador, na época de colegial: “era bom, aprendi muito no futebol”. Fortaleceu seus laços de torcedor freqüentando os estádios: “antes do Maracanã, eu ia até lá em Niterói,

quando jogava o Fluminense, e a condução não era mole, tinha de pegar um bonde, saltar na Praça XV, apanhar a barca.” Atualmente, em decorrência do aumento da violência e do declínio na qualidade, Seu Juca disse preferir ver os jogos pela televisão, porém faz uma ressalva: “quando há um jogo bom mesmo, quando é times dos bons, eu vou no Maracanã, fico lá em cima, sossegado, vendo o jogo.”

Em 1950, ele tinha 21 anos. Além de lembrar facilmente dos principais episódios relacionados à disputa do mundial, Seu Juca nos fala com tranquilidade também dos acontecimentos políticos e de algumas opções culturais que agitavam o Rio daquela época: “era uma beleza, o Rio tranquilo, e eu freqüentava muitos cabarés, gostava muito de dançar. Novo México na Lapa, Brasil na Avenida”. A construção do Maracanã também flui com facilidade em sua memória e, mesmo reconhecendo a importância de sua construção, ele tece críticas à rapidez com que esta ocorreu, favorecendo, segundo ele, o desvio de verbas.

Domingo, 16 de julho de 1950. O Maracanã, mais uma vez, esteve lotado de brasileiros, daquela vez para assistirem ao último jogo: Brasil X Uruguai. Depois de golear a Suécia e a Espanha, o escrete nacional não só havia obtido a vantagem de jogar pelo empate, como conquistara a credibilidade do público e tornara-se o favorito para o título. O clima, em todo o Brasil, e principalmente no Rio, como disse nosso entrevistado “era só já ganhou, já ganhou”⁶.

Seu Juca, como a grande maioria dos brasileiros que foram ao Maracanã naquele dia, havia iniciado seus preparativos já pela manhã. Preparou o almoço que seria saboreado nas arquibancadas do Maracanã. Tomar o bonde e enfrentar uma longa fila para entrar no estádio, era a base rotineira de quem ia ao jogo. A disputa pelos melhores lugares era intensa e levava um grande número de torcedores muito cedo para o estádio. Naquele dia, os portões do Maracanã foram abertos ao público às 11 horas da manhã: “a gente levava o lanche, éramos farofeiros... todo mundo levava lanche.”

“Eu fiquei mais ou menos no meio. Como a gente foi cedo, ficávamos no meio.” Com uma precisão metódica, Seu

Juca explica o lugar que ele e seus familiares escolheram, dentro do enorme Maracanã, para acompanhar atentamente aquele que prometia ser o jogo da Copa.

Diferente de boa parte dos cronistas esportivos da época, e da maioria dos brasileiros, Seu Juca não considera a equipe de 50 como um dos grandes esquetes nacionais. Seguro em sua avaliação, faz questão de anunciar *“isso é muito importante, o mais importante é isto que vou falar: o pessoal pensava que o Brasil era um timaço. Não era não (...) pode conversar com gente que entende de futebol.”* Mesmo quando questionado sobre as goleadas que o time havia conseguido nos jogos que antecederam a partida contra o Uruguai, ele ressaltou que Espanha e Suécia eram equipes muito fracas. Visando melhor justificar sua avaliação sobre o selecionado nacional, Seu Juca demonstrou conhecer os jogadores escalados por Flávio Costa, fazendo uma longa explanação sobre as principais características de cada atleta.⁷

Sentado nas arquibancadas, como um atento olheiro, Seu Juca acompanhou os detalhes do desenrolar daquele jogo. Simpatizante do futebol estrategista, que valoriza o esquema tático, nosso técnico/torcedor reclama da atuação de Flávio Costa. Para ele, faltou ao técnico do esquete nacional organizar sua equipe para usufruir da vantagem de estar vencendo por 1 a 0 e necessitar apenas do empate.

Além de não considerar a equipe brasileira um time extraordinário, Seu Juca lembra que durante o desenrolar do jogo, apesar do Brasil ter feito o primeiro gol, o time não estava transmitindo segurança, estava um tanto apático, sem determinação: *“eu notava que o Brasil estava sem garra, o Uruguai jogava com uma garra”*. Considerando as dificuldades da partida, Seu Juca acredita que Flávio Costa devia ter mudado o esquema tático do time, orientando o grupo a jogar pelo resultado. *“O que devia fazer Flávio Costa era recuar e bloquear mais ou menos a defesa, jogar na escapada. Mas não, continuou o mesmo esquema”*.

Ao ser questionado se concordava ou não com a interpretação que grande parte da imprensa fez, colocando Bigode e Barbosa como os principais responsáveis pela derrota brasileira,

Seu Juca faz uma ressalva que Barbosa sim, merecia ser responsabilizado, mas Bigode não, já que esse “fez a jogada que ele costumava fazer sempre”, e acrescenta: “agora, o Barbosa não engolia frango sempre assim no Vasco, é outra coisa.” Na seqüência da conversa, retomamos a mesma questão e perguntamos se não era um exagero crucificar Barbosa pela derrota. Fazendo uso de seu conhecimento sobre o futebol, Seu Juca se manteve irredutível em sua versão inicial. “Não, o Barbosa merece ser crucificado, não tem escapatôria. Pô, meu, eu joguei futebol rapaz”. Dando continuidade ao relato, Seu Juca recorda os detalhes e encena para nós a jogada que originou o segundo gol da *Celeste*, explicando o posicionamento do goleiro e do atacante: “o cara aqui, a bola aqui, o cara chuta, a bola entra aqui”.

2. C) Lembranças e saudades de uma derrota de infância

“A coisa mais triste que me marcou foi o rio Maracanã, que passa em frente do estádio, cheio, lotado de muita serpentina, confete, que na época era o que se usava para comemorar. (...) e eu sentei no rio e chorei muito, como muitos que ali também estavam e choraram.”

As recordações de Marília sobre o jogo final mesclam os sentimentos de perda, pela derrota que vivenciou, com as lembranças de sua infância, suas amigas do bairro e a companhia de seu pai — hoje já falecido —, que a levava para ver os jogos. Frequentemente, ao rememorar nossa infância, reelaboramos o seu significado, sobrepondo-se, nessa espécie de reconstituição afetiva, as versões que nos aconchegam e nos fornecem uma sensação de reconciliação com o passado. Marília, junto com as lembranças do jogo final, deixou transparecer em seu depoimento a saudade que sente de sua infância, saudade de um tempo marcado pela indisciplina infantil.

Durante a realização da Copa, Marília tinha 12 anos. Torcedora vascaína, ela conta que toda a relação que instituiu com o futebol veio mediada por seu pai, outro vascaíno apaixonado,

que a levou a muitos jogos. “Freqüentava também o Clube de Regatas Vasco da Gama aos 6 anos de idade e conhecia todos os campos de futebol. Fui a Icaraí, que era em Niterói, Bonsucesso, Madureira, Fluminense, Flamengo”.

Ao recordar sua experiência, Marília se diferencia dos nossos outros dois depoentes, principalmente por valorizar mais os acontecimentos que acompanhavam os jogos. Sua memória prioriza o clima que na época tomou conta do Rio, em detrimento das particularidades técnicas ou táticas do futebol. Mesmo lembrando dos nomes da maioria dos jogadores brasileiros — fez referência a Barbosa, Bigode, Obdulio Varella e Gighia, os jogadores mais comentados após a partida —, a memória seletiva de Marília não parece ter priorizado este ou aquele jogador, nem esta ou aquela jogada enquanto a cena mais intensa.

Quando narra sua participação naquele acontecimento, o que mais parece pulsar na memória de Marília são os “rituais”, os preparativos que antecediam a ida aos jogos: “a gente comprava um frango, mandava matar, limpar e fazer o frango assado. (...) Era feito um piquenique até a hora do jogo, para pegar um lugar ideal no meio do campo”. Também se mantém vivas e com uma intensidade marcante em sua memória as cenas de choro, de tristeza e dor que, após a derrota brasileira, tomou conta não só do Maracanã, mas de todo o Rio de Janeiro e de boa parte do Brasil. “Todos ficaram muito em silêncio, todos choravam, muita gente chorava. As pessoas saíram, saíram sem se despedir de ninguém, saíram por sair, (...) uma coisa muito forte mesmo.”

Ao tratar do resultado do jogo, Marília alia a interpretação feminina com as recordações de sua infância, fazendo uma leitura menos personalista e que tende a se afastar das interpretações técnicas ou táticas. Num primeiro momento, quando perguntada sobre as responsabilidades pela derrota, veio em sua memória a versão que foi mais comentada; “foi do Barbosa, que engoliu o frango do... qual era o nome dele?” — fez um pequeno esforço para tentar recordar o nome do jogador uruguaio que fez o gol a que se referia. Mas, quando perguntada se concordava que a

culpa pela derrota havia sido do goleiro Barbosa, Marília opta por fazer outra interpretação. “Não. Foi fatalidade, aconteceu. Talvez a responsabilidade fosse muito grande, porque eram 150 mil pessoas cobrando uma vitória”.

3. Considerações de quem não esteve lá

As falas dos nossos depoentes dão margem a muitas interpretações, porém, aqui, iremos nos ater a alguns lembretes finais, impregnados pelos limites de quem interpreta o passado de um lugar histórico.

A facilidade com que nossos três entrevistados lembraram detalhes da Copa e do último jogo, cada um priorizando suas particularidades, como ficou evidenciado durante o texto, foi um dos aspectos do estudo que mais despertaram nossa atenção.

As recordações fluíram num ritmo que pouco lembrava tratar-se de uma partida ocorrida há 48 anos. Os pormenores pontuados pelas falas, o envolvimento dos depoentes com o tema e a importância que cada um deu ao acontecido sinalizam o quanto o futebol, e aquele jogo particularmente, ocupam um lugar privilegiado em nossa cultura, pela memória de quem lá esteve.

Quanto às versões diferenciadas sobre as causas da derrota, muito mais do que tentar interpretá-las cabe aqui destacar que elas ilustram a diversidade e a pluralidade de interpretações possíveis que emanam de uma partida importante de futebol, neste caso de uma derrota histórica.

Sobre o significado e a forma como lidamos com a derrota no futebol, nossos três torcedores, apesar de — cada um a seu modo — ainda lamentarem a perda, foram convictos em afirmar que não se arrependem de terem estado no Maracanã naquele dia. E mais, se tivessem que escolher entre ir ou não, iriam novamente.

A promessa sempre esperada da vitória, tensionada pela ameaça constante da derrota, dá às partidas de futebol uma ambigüidade insuperável, na qual tanto a alegria de ganhar como a

dor de perder excitam, desafiam, atraem os amantes do futebol para dentro dos estádios. Marília nos falou das águas do rio Maracanã levando os confetes, as serpentinas, os foguetes. Enfim, a alegria de um povo que foi até lá à espera de uma festa, de uma vitória, e viveu uma derrota. Mas essas mesmas águas levaram junto também o rancor do torcedor brasileiro, que não "resistiu". Logo voltou a frequentar o Maracanã e a deixar-se seduzir pelo futebol.

Notas

* Prof. UFPel.

Endereço para contato: Luiz Carlos Rigo: Rua Osvaldo Pereira de Freitas 175 ap. 1104 bloco B, bairro Partenom. Porto Alegre, RS. Cep. 91530 080. Fone: 051 317 60 67.

** Prof. UFV.

¹ Sobre os intercruzamentos possíveis entre memória individual e memória coletiva e a forma como elas operam no tecido de uma cultura, ver o texto de Pollak, M. "Memória e identidade soeia"(s.d.).

² Quanto às prováveis polêmicas que podem suscitar o cruzamento que realizamos entre memória e história, indicamos a leitura do artigo "A memória não é mais o que era", de Henry Rousso. Nesse artigo o autor destaca que "*a questão ritual das diferenças entre história e memória parece agora um tanto ultrapassada. Primeiro, porque é hoje pacífico (ou assim esperamos) que opor, de um lado a reconstrução historiográfica do passado, com seus métodos, sua distância, sua pretensa cientificidade, e de outro, as reconstruções múltiplas feitas pelos indivíduos ou grupos faz tão pouco sentido quanto opor o 'mito' à 'realidade'*" (1998, p. 97). Sobre o debate a respeito da cientificidade ou não da História, ver: Veyne, Paul. "Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história" (1994).

³ Composta por Braguinha, Touradas de Madrid é uma marchinha carnavalesca de grande sucesso no carnaval de 30. Na vitória do Brasil perante a Espanha ela foi lembrada e cantada pela torcida dentro do Maracanã.

⁴ A importância que Seu Tião confere à "bolacha", que ele garante ter visto Obdulio Varella dar em Bigode, demonstra que ele, assim como Nelson Rodrigues, julga ser o tapa um gesto singular, merecedor de uma atenção especial. "*Ora, um tapa não é apenas um tapa: é, na verdade, o mais*

transcendente, o mais importante de todos os atos humanos. Mais importante que o suicídio, que o homicídio, que tudo mais. A partir do momento em que alguém dá ou apanha na cara, inclui, implica e arrasta os outros à mesma humilhação. Todos nós ficamos atrelados ao tapa" (1994, p.13).

⁵ A crítica que Seu Tião faz da interferência em demasia dos técnicos junto à forma dos atletas jogarem, foi uma das teses levantadas por setores da imprensa esportiva brasileira após a derrota do Brasil. Sobre isso, ver Moura, G. "O Rio corre para o Maracanã" (1998).

⁶ Sobre o clima que se estabeleceu antes do jogo, ver maiores considerações em Moura, G. "O Rio corre para o Maracanã" (1998).

⁷ Concentrando-se um pouco, seu Junqueira faz sua avaliação sobre alguns jogadores: "*do Fluminense tinha Bigode, o jogo dele era carrinho, daí levou mal nos carrinhos. Do Flamengo era Juvenal e Zizinho, do Vasco era Barbosa, Augusto, Danilo, que era sim um grande jogador, Eli, que era um bonde, um cara forte, alto, mas era só jogador de largar o pau, não tinha classe, não. Ademir, Friaça e Chico, dois pontas; Friaça na direta e Chico na esquerda (...) Friaça era um jogador medíocre, Chico era um bonde. O Zizinho era um bom jogador, o Ademir fazia gols no Vasco, contra a Espanha fez 3 ou 4, pegou uma sopa. O Jair era um jogador que chutava muito, driblava mais ou menos, era do Madureira junto com Izaia, e Lelé. Izaia era um jogador clássico, escurinho, driblava muito*".

Referências bibliográficas

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-215, s/d.

VEYNE, P. Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Universidade de Brasília, terceira edição, 1995.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era: In *Usos & abusos da história oral*. Amado, J. & Ferreira, M.de Moraes (org). Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

RODRIGUES, N. Conveniência de ser covarde: In *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol; seleção e notas Ruy Castro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOURA, G. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

REVISTA: *Esporte Ilustrado*: Rio de Janeiro n.641:20/07/1950.

REVISTA: *Esporte Ilustrado*: Rio de Janeiro n.642: 27/07/1950.